"Em nome da Secção Regional Sul da Ordem dos Enfermeiros, gostaria de começar por cumprimentar o Digníssimo Bastonário da Ordem dos Enfermeiros, Senhor Enfermeiro Germano Couto, agradecendo a sua presença nesta cerimónia de vinculação.
Uma Palavra de Agradecimento para os membros dos órgãos estatuários da secção regional do sul que se envolveram na organização deste nobre evento, bem como para os funcionários que como sempre mantêm enorme dedicação nas atividades que desenvolvemos.
Uma referência também para este magnífico espaço cultural, singular na cidade de lisboa, o teatro Tivoli, que está a comemorar 90 anos de existência. E como é importante preservar os espaços culturais...

Assinalamos hoje de forma solene a entrada de novos enfermeiros, na ordem e na profissão.
Naturalmente que nesta minha intervenção pretendo endereçar calorosas felicitações aos novos enfermeiros e enfermeiras, bem como aos respetivos familiares, desejando que as vossas vidas sejam repletas de concretizações.

Hoje é um dia de comemoração, mas também de análise e reflexão sobre o passado e o presente perspetivando o futuro.
Vivemos em Portugal nos últimos 40 anos sob o desígnio da consolidação da democracia.
Este complexo processo de organização social caracterizado inicialmente pela euforia de libertação do estado novo deu lugar progressivamente à dúvida, à descrença, indiferença e consequente não participação dos cidadãos na vida pública.

Em quarenta anos o país e o mundo mudaram muito.
As pessoas, os hábitos, os comportamentos, a economia, os mercados, os empregos, as preocupações, as prioridades, as famílias, a saúde e a visão sobre o futuro.
Neste contexto de transformação, o serviço nacional de saúde, afirmou-se como a estrutura que mais e melhor garantiu e contribui para a coesão social. E que mais e melhor se ajustou às necessidades das populações.
Passados 35 anos da sua criação, considero relevante, que neste momento simbólico e solene de acolhimento de novos enfermeiros, possamos refletir brevemente, olhando para o SNS, sobre:
1) relação entre liberdade e qualidade de vida;
2) papel da enfermagem na sociedade e;
3) responsabilidade política dos Ministros da Saúde.

Apesar de frequentemente associarmos democracia ao direito de liberdade de expressão, em bom rigor, as sociedades procuram implementar regimes democráticos, porque este é o sistema de organização social e política que gera menores assimetrias.
Que procura o bem comum, promovendo efetivamente melhoria da qualidade de vida das pessoas.
Reconhece-se também que a plena participação na vida das comunidades só é possível se os cidadãos tiverem condições para satisfazer as suas necessidades humanas básicas.
Caso contrário, ficarão irremediavelmente impedidos de exercer em pleno a sua cidadania.
Decorre destes pressupostos, que nos sistemas democráticos pretende-se que os cidadãos sejam livres, mas autónomos, exigentes, responsáveis, e com elevados níveis de intervenção nas decisões da comunidade.

Mas como poderá a profissão de enfermagem contribuir para este desafio civilizacional?
A profissão de enfermagem, curiosamente ou não, tem grandes semelhanças nos diferentes contextos internacionais. Os enfermeiros na Europa e no Mundo confrontam-se com dificuldades relacionadas com: dignidade profissional, visibilidade das atividades de enfermagem, autonomia da profissão Reconhecimento e valorização dos enfermeiros

Olhando novamente para fora, e analisando o que tem sido feito para ultrapassar essas dificuldades, identificamos três denominadores comuns. Visão de futuro, coesão e continuidade
Ora na enfermagem Portuguesa há, nestas três dimensões muito a fazer...

Sobre a visão de futuro, temos hoje muita dificuldade de discutir com seriedade, por exemplo, quantos enfermeiros e enfermeiros especialistas por área de especialidade precisamos em Portugal.Limita-se o discurso a dados da OCDE ou, há enfermeiros no desemprego e por isso estamos a formar a mais, Ou, temos especialistas que não são reconhecidos...

Sobre a coesão, estamos repletos de generais, uns históricos e outros recentes, que apregoam coesão se esta for em torno do seu ego, mas faltam-nos os capitães, do tipo capitães de abril, que liderem os enfermeiros e que no terreno façam de facto a diferença... Façam acontecer...

Sobre a continuidade referi que:
A profissão, os enfermeiros, definiram um modelo de desenvolvimento profissional, que antes mesmo de estar a ser implementado é sistematicamente criticado e posto em causa, por enfermeiros...
A profissão, os enfermeiros, definiram uma nova carreira para o setor público e antes de sequer haver os concursos para enfermeiro principal, está a ser defendido por enfermeiros que se volte á carreira anterior.

É imperativo que se prepare o futuro, que haja uma Libertação do interesse individual em prol da defesa do interesse comum e que se consolidem as propostas ao invés de as eliminar... Abandonar ou Derrubar...Mas este imperativo é de carácter individual...Depende da intenção e do comportamento de cada enfermeiro. E não tenho dúvidas, que vai em grande medida depender de cada um dos colegas que hoje entra nesta grande família, enfermagem.

Visão, coesão e continuidade, tem permitido além-fronteiras que os enfermeiros sejam cada vez mais reconhecidos pelos cidadão como atores principais nos sistemas de saúde, e por consequência com indiscutíveis contributos para a obtenção de ganhos em saúde.

Olhando novamente para o SNS, podemos questionar por onde anda a responsabilidade política dos ministros da saúde...?
Como bem sabemos, medidas e políticas públicas, só têm impacto efetivos a Medio prazo... á exceção do aumento da carga fiscal que é imediata...
E no caso do setor da saúde, a distância entre medidas ou ausência delas e impacto nos indicadores de saúde é ainda maior...Ora a este propósito os exemplos nada abonatórios do Atual ministro da saúde são vários:

Sobre dotação de enfermeiros:
- existe um documento da tutela, de 2006, segundo o qual e com dados oficiais, há carência reiterada de enfermeiros nos serviços de internamento hospitalar;

- em 2011, foi elaborado entre a OE e o MS, novo documento para cálculo de necessidade de enfermeiros nos serviços, sendo que o MS não implementou os projetos piloto que estavam previstos. Inaceitável!

Sobre valorizar as competências dos enfermeiros:
- na primeira avaliação da troika, o FMI, referiu de forma explícita que em Portugal os enfermeiros tem competências que não estão a ser devidamente utilizadas.
- no recente estudo promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, evidencia também a necessidade de aproveitar essas competências, bem como contratar mais enfermeiros.
Não investir é Incompreensível!

Sobre recursos humanos em saúde:
- Portugal tem mais médicos por mil habitantes e menos enfermeiros que a média da OCDE.
- Em 2012, na cerimônia de vinculação, neste mesmo local, o Sr. secretário de estado da saúde, anunciava a contratação de 750 enfermeiros... Hoje, dois anos passados, ainda não estão em funções.
- Esta semana, na Assembleia da República, o Sr. Ministro da Saúde anunciou a contratação de mais 1700 médicos... Inacreditável!

Nos vários contextos de prática clínica, como enfermeiros, estamos confrontados com uma realidade de exaustão. Acolhemos, observamos e cuidamos de pessoas e das famílias com cada vez mais necessidades, estando os serviços com cada vez menos recursos... E este confronto paradoxal está a comprometer o direito de cidadania.

Digníssimo bastonário, caros colegas, familiares e convidados,
Sem visões pessimistas, mas perante a prepotência financeira de alguns, a falta de cultura democrática de outros, e o progressivo alheamento dos cidadãos, a consolidação da democracia em Portugal pode, efetivamente estar a ser comprometida.
E se podemos e devemos criticar quem tais atos pratica, devemos também repudiar veementemente a cumplicidade dos silêncios, Dos que por omissão não exercem com lealdade as responsabilidades para que foram eleitos.
Se a consolidação da democracia, e consequentemente promoção de uma sociedade mais justa, equitativa e desenvolvida, depende da centralidade na qualidade de vida, e na maior responsabilização dos decisores políticos,
Também nós enfermeiros e respetivas organizações representativas, temos de assumir novas posturas de adaptação ao atual cenário sociopolítico.
Temos de mobilizar propostas inovadoras para problemas novos.
Temos de ser inteligentes na nossa afirmação... Uma afirmação pela positiva, mais pelo valor dos enfermeiros do que pela falta deles, em defesa das pessoas, das famílias e da comunidade.
Estas mobilização e afirmação, exigem um novo contrato social, entre os cidadãos e o estado.
Um contrato social que não defenda encerramento de camas ou de serviços, mas que pelo contrário exigia condições e recursos que respondam cabalmente ás necessidades em saúde das pessoas.
Para os enfermeiros, pais e familiares presentes nesta cerimônia, eu diria têm também uma responsabilidade acrescida... De levar a carta a Garcia… Com uma mensagem simples:
Ação, intervenção, participação efetiva no processo de construção de um futuro com esperança, justo e equitativo.
Esta é uma visão... Conto com todos, porque Todos contam com os enfermeiros...
Muito Obrigado.